

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: INTERSEÇÕES ENTRE O GEOGRÁFICO E O SAGRADO A PARTIR DA GUERRA DO CONTESTADO

Social Representations: Intersections Between the Geographical and the Sacred from the Contestado War

Representaciones Sociales: Intersecciones entre lo Geográfico y lo Sagrado a partir de la Guerra del Contestado

Fabiano Feldhaus¹

Resumo: As representações sociais são construções coletivas que refletem como diferentes grupos interpretam a realidade e dão significado a ela. No contexto da Guerra do Contestado (1912-1916), um conflito camponês ocorrido na região sul do Brasil, essas representações emergiram de uma interseção complexa entre o sagrado e o geográfico. O movimento, envolvendo caboclos, pequenos agricultores e madeireiros, em oposição a grandes companhias ferroviárias e ao governo, foi profundamente marcado por um forte misticismo religioso. O monge José Maria, figura central do movimento, transmitia mensagens de justiça divina e redenção, que fortaleceram a fé e a coesão entre os caboclos, impulsionando sua resistência. Práticas rituais, como rezas, batizados e procissões, desempenharam papel essencial na consolidação da identidade coletiva, vinculando a espiritualidade ao território. Para esses grupos, a terra era mais do que um simples meio de subsistência; ela era parte intrínseca de sua identidade. Este estudo propõe investigar como esses elementos sagrados moldaram as representações sociais e a territorialidade durante o conflito, destacando as interações entre crenças religiosas e o espaço geográfico no Contestado. Ao explorar essa interseção, busca-se entender a influência do sagrado na formação das identidades territoriais e sociais durante o conflito.

Palavras chave: Representações sociais, Guerra do Contestado, Sagrado, Territorialidade, Identidade Coletiva.

Abstract: Social representations are collective constructions that reflect how different groups interpret reality and give it meaning. In the context of the Contestado War (1912-1916), a peasant conflict that took place in the southern region of Brazil, these representations emerged from a complex intersection between the sacred and the geographic. The movement, involving caboclos, small farmers and loggers, in opposition to large railway companies and the government, was deeply marked by a strong religious mysticism. The monk José Maria, a central figure in the movement, transmitted messages of divine justice and redemption, which strengthened faith and cohesion among the caboclos, driving their resistance. Ritual practices, such as prayers, baptisms and processions, played an essential role in the consolidation of collective identity, linking spirituality to territory. For these groups, land was more than just a means of subsistence; it was an intrinsic part of their identity. This study aims to investigate how these sacred elements shaped social representations and territoriality during the conflict, highlighting the interactions between religious beliefs and geographic space in the Contestado. By exploring this intersection, we seek to understand the influence of the sacred in the formation of territorial and social identities during the conflict.

Keywords: Social representations, Contested War, Sacred, Territoriality, Collective Identity.

Resumen: Las representaciones sociales son construcciones colectivas que reflejan cómo diferentes grupos interpretan la realidad y le dan significado. En el contexto de la Guerra del Contestado (1912-1916), conflicto campesino ocurrido en la región sur de Brasil, estas representaciones surgieron de una compleja intersección entre lo sagrado y lo geográfico. El movimiento, que involucraba a caboclos, pequeños agricultores y madereros, en oposición a las grandes empresas ferroviarias y al gobierno, estuvo profundamente marcado por un fuerte misticismo religioso. El monje José María, figura central del movimiento, transmitió mensajes de justicia divina y redención, que fortalecieron la fe y la cohesión entre los caboclos, impulsando su

¹ Mestre em geografia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Especialista em História e Geografia do Paraná pelo BAGOZZI. Graduado em Filosofia pelo Centro Educacional de Brusque.

resistencia. Las prácticas rituales, como oraciones, bautismos y procesiones, jugaron un papel esencial en la consolidación de la identidad colectiva, vinculando la espiritualidad al territorio. Para estos grupos, la tierra era más que un simple medio de subsistencia; era una parte intrínseca de su identidad. Este estudio propone investigar cómo estos elementos sagrados moldearon las representaciones sociales y la territorialidad durante el conflicto, destacando las interacciones entre las creencias religiosas y el espacio geográfico en el Contestado. Al explorar esta intersección, buscamos comprender la influencia de lo sagrado en la formación de identidades territoriales y sociales durante el conflicto.

Palabras clave: Representaciones sociales, Guerra Contendada, Sagrada, Territorialidad, Identidad colectiva.

INTRODUÇÃO

As representações sociais constituem construções simbólicas que surgem das interações cotidianas entre indivíduos e coletivos, refletindo assim as metodologias pelas quais eles interpretam e atribuem significado aos ambientes circundantes. Essas representações desempenham uma função fundamental no desenvolvimento de identidades coletivas, particularmente em estruturas de conflito e resistência, em que a coesão e a solidariedade entre os membros do grupo são imperativas para sua existência contínua. No contexto brasileiro, a Guerra Contendada (1912-1916) exemplifica um caso importante que ilustra como tais representações são cultivadas e entrelaçadas com dimensões sagradas e geográficas, estabelecendo assim uma territorialidade distinta profundamente enraizada nas experiências vividas de resistência camponesa.

A Guerra Contendada, reconhecida como um dos episódios mais notáveis da historiografia brasileira, foi um conflito caracterizado principalmente pela oposição de caboclos, pequenos agricultores e madeireiros contra os interesses de grandes empresas ferroviárias e madeireiras, bem como das forças governamentais. Essas facções, engajadas na luta pela terra e pela dignidade, enfrentaram não apenas um confronto físico, mas também uma contestação simbólica e espiritual. A figura do monge José Maria, que liderou o movimento com proclamações de justiça divina e redenção, surgiu como um ícone fundamental na mobilização dos caboclos, sintetizando a convergência do sagrado e do geográfico na construção de uma identidade coletiva resiliente.

O aspecto sagrado do movimento contestado representou um componente indispensável para a unidade e resistência da população camponesa. A crença em milagres e profecias, cultivada por meio dos ensinamentos do monge José Maria, proporcionou uma justificativa espiritual para a luta, ao mesmo tempo em que promoveu um senso de comunidade e propósito que transcendia meras adversidades materiais. Práticas ritualísticas, como orações, batismos em poços e procissões, funcionavam não apenas como expressões de devoção religiosa, mas também como manifestações de resistência cultural e afirmação territorial. Nesse contexto, a terra deixou de ser percebida apenas

como um ativo econômico, transformando-se em uma extensão da identidade e espiritualidade dos caboclos.

Essa convergência do sagrado e do geográfico durante a Guerra Contestada ressalta a necessidade de compreender como as convicções religiosas moldam a percepção e a organização das construções espaciais. A territorialidade, conceituada aqui como o processo de apropriação e significação do território por um coletivo, foi profundamente influenciada pela dimensão sagrada do conflito. A religiosidade dos caboclos não apenas validou suas reivindicações à terra, mas também redefiniu os limites simbólicos e materiais de sua luta, transmutando assim o território disputado em um espaço santificado de resistência.

Este artigo pretende apresentar uma análise das interseções entre o sagrado e o geográfico no âmbito da Guerra Contestada, concentrando-se nas representações sociais e na construção da identidade coletiva dos caboclos. Utilizando uma metodologia interdisciplinar, o objetivo é investigar como as crenças religiosas moldaram as práticas territoriais e contribuíram para a coesão do movimento, oferecendo assim uma nova perspectiva sobre a interação entre fé, território e resistência no Brasil rural durante o início do século XX.

As representações sociais

Na pluralidade humana que se estabelecem as relações entre indivíduos e sociedade necessárias para os significados tanto da vida individual como da vida social. A pluralidade humana refere-se à diversidade de características, experiências, perspectivas e identidades que existem dentro da espécie humana. Essa diversidade é uma característica intrínseca da sociedade e influencia profundamente as interações entre os indivíduos.

No nível individual, as relações com outras pessoas e com a sociedade em geral desempenham um papel crucial na formação da identidade, na construção de relacionamentos significativos e no desenvolvimento pessoal. As interações com outros indivíduos e grupos permitem que as pessoas compartilhem experiências, valores, ideias e crenças, o que contribui para a formação de uma compreensão mais rica e complexa do mundo ao seu redor.

Além disso, as relações sociais fornecem apoio emocional, social e prático, influenciando diretamente o bem-estar e a qualidade de vida dos indivíduos.

Por outro lado, no nível social, as relações entre os membros de uma sociedade são essenciais para a coesão social, para a formação de instituições e normas culturais, e para a organização e funcionamento da comunidade como um todo. As interações entre os membros da sociedade moldam a estrutura social, influenciam os processos de tomada de decisão e promovem a cooperação e a colaboração entre os diferentes grupos e setores da comunidade.

Com base nas interações acima mencionadas, derivamos representações sociais que compreendem uma coleção de conceitos, proposições e explicações que emergem das experiências cotidianas ao longo do processo de comunicação interpessoal. Em nossa sociedade contemporânea, essas representações são análogas aos mitos e sistemas de crenças predominantes nas sociedades tradicionais; elas também podem ser interpretadas como a encarnação moderna do senso comum (Sá, 1996, p. 31).

Portanto, as representações são originadas na vida cotidiana por meio das conversas e interações entre indivíduos, quando expõem seus pensamentos sobre determinado assunto ao grupo a que pertencem. Essa perspectiva sugere que a sociedade pode ser entendida como um sistema de pensamento que coexiste em dois tipos distintos de universos de pensamento: os universos consensuais e os universos reificados.

Em universos reificados, disciplinas científicas e pensamento acadêmico, em geral, são gerados, caracterizados por sua objetividade, sua adesão à precisão lógica e metodológica, sua teorização abstrata, sua subdivisão em campos especializados e sua organização hierárquica (Spink, 1993, p. 28).

Os universos reificados são conceitos da teoria social que descrevem as ideias, valores, normas e instituições sociais que se manifestam em formas concretas e tangíveis na vida cotidiana. O termo "reificado" vem do latim "res", que significa "coisa" ou "objeto", e sugere que conceitos abstratos são transformados em realidades físicas ou materiais através de práticas sociais e estruturas institucionais.

Esses universos reificados desempenham um papel fundamental na organização e na reprodução da ordem social. Eles fornecem formas tangíveis para a expressão e a materialização de ideias e valores, ajudando a estabelecer padrões de comportamento, a perpetuar sistemas de crenças e a facilitar a coesão social. No entanto, também podem ser contestados, reinterpretados e transformados ao longo do tempo através de processos de mudança social e cultural.

Os universos consensuais são áreas de pensamento onde existe um acordo amplo sobre ideias, valores, normas e instituições em uma sociedade. Esses universos constituem a base comum de entendimento compartilhado entre os membros de uma comunidade ou grupo social, e são essenciais para a coesão e a estabilidade social.

Nos universos consensuais, todos os indivíduos apresentam-se com mesmo valor na sociedade, portanto, todos podem opinar sobre todos os problemas formulados. A prática da conversação, com o tempo, estabelece núcleos de estabilidade e métodos habituais de comportamento, construindo uma comunidade de significados compartilhados entre os participantes. Portanto, cada indivíduo tem capacidade de falar pelo grupo (Spink, 1993, p. 29).

Os universos consensuais são essenciais para a coesão social e para o funcionamento harmonioso da sociedade, uma vez que fornecem um conjunto compartilhado de valores, normas e instituições que orientam o comportamento dos indivíduos e facilitam a cooperação e a coordenação entre eles. No entanto, é importante reconhecer que esses universos não são estáticos e podem evoluir ao longo do tempo em resposta a mudanças sociais, culturais e políticas.

Ao entrar em contato com imagens, noções e linguagens científicas próprias do universo reificado, o indivíduo procura apropriar-se desse “não familiar”, transferindo-o para o universo consensual, ou seja, tornando-o desconhecido em algo “familiar”. Ao tornar o “não familiar” em “familiar”, envolvem-se dois processos formadores das representações sociais, a ancoragem e a objetivação.

O processo de ancoragem é uma das etapas fundamentais na formação das representações sociais. Consiste na associação do novo conhecimento, conceito ou informação a ideias ou conceitos já existentes na mente do indivíduo, facilitando a compreensão e a interpretação do que é novo.

Essa associação ocorre porque os seres humanos tendem a interpretar e entender o mundo com base em suas experiências prévias e no conhecimento já adquirido. Assim, quando confrontados com algo novo ou desconhecido, eles procuram identificar elementos familiares que possam ajudar na compreensão da novidade.

Por exemplo, se alguém é apresentado a um conceito abstrato como "teoria da relatividade", pode ancorar esse conceito em sua compreensão anterior de física, relacionando-o com ideias como gravidade, espaço-tempo ou mesmo com a figura de Albert Einstein, que é frequentemente associada a essa teoria.

Em resumo, o processo de ancoragem é uma estratégia cognitiva que ajuda os indivíduos a assimilar e compreender novos conhecimentos, relacionando-os com ideias e conceitos já familiares em sua mente (Moscovici, 2003).

De acordo com Sá (1996, p. 47), o fenômeno da objetificação ocorre quando uma imagem deixa de ser um mero símbolo para funcionar como uma manifestação explícita da realidade. Essa transformação engloba a conversão de ideias abstratas em entidades tangíveis, vinculando assim um conceito a uma representação visual distinta.

No contexto da objetificação, o indivíduo atribui significados específicos ao conhecimento ou informação disponível, empregando um léxico ou formato que seja compreensível e aprovado pela comunidade. Em outros termos, isso representa a conjuntura na qual o conhecimento é transmutado em modalidades que podem ser disseminadas e apreendidas por outros.

Por exemplo, se alguém está aprendendo sobre um novo conceito científico, como a teoria da evolução, a objetivação desse conceito envolveria não apenas entender suas ideias e princípios,

mas também ser capaz de explicá-lo em termos claros e acessíveis para outras pessoas, usando exemplos e evidências que possam ser compreendidos por um público mais amplo.

O processo de objetivação é crucial para a construção e disseminação do conhecimento, pois transforma o conhecimento subjetivo em algo que pode ser compartilhado e compreendido pela sociedade em geral.

Portanto, para gerar uma representação social é necessário que o objeto tenha significado histórico, cultural, social, afetivo e cognitivo tanto na vida do indivíduo quanto na vida do grupo.

A representação social se forma quando o 'não familiar' é incorporado ao universo consensual, ou seja, quando o desconhecido se torna conhecido e real na sociedade. Conforme Guareschi (1995, p. 71):

[...] é através da ação de sujeitos sociais agindo no espaço que é comum a todos, que a esfera pública aparece como o lugar em que uma comunidade pode desenvolver e sustentar saberes sobre si própria, ou seja, representações sociais.

A representação social é um espelho do mundo externo na mente ou uma impressão da mente que se manifesta no mundo externo. Dessa forma, o indivíduo é moldado pela sociedade e, ao mesmo tempo, atua como um agente de transformação.

As representações e o geográfico

A representação social, quando vista sob a ótica geográfica, pode ser compreendida de diversas maneiras, principalmente ao considerar como as pessoas percebem, entendem e interpretam o espaço ao seu redor. Essas representações influenciam a maneira como os indivíduos percebem e interpretam o espaço geográfico; por exemplo, uma área urbana pode ser considerada perigosa por alguns devido a estereótipos, enquanto outros a veem como vibrante e emocionante. Além disso, a geografia desempenha um papel significativo na formação da identidade pessoal ou grupal, e as representações sociais contribuem para a construção dessas identidades. Pessoas podem se identificar com uma região específica com base nas representações sociais associadas a essa área.

As representações sociais frequentemente incluem estereótipos e preconceitos sobre diferentes lugares e regiões, o que pode impactar as interações sociais e as relações entre grupos na sociedade. Elas também moldam as percepções de pertencimento a certos lugares; por exemplo, alguém pode sentir uma conexão mais forte com uma cidade ou região devido às associações positivas presentes nas representações sociais. Além disso, essas representações podem influenciar o uso do espaço geográfico, como no caso das percepções sobre áreas rurais que podem afetar a decisão de viver nessas regiões e as ideias sobre o uso da terra e o desenvolvimento.

Toda a questão das representações sociais em Geografia se baseia na compreensão de que o espaço não é apenas objetivo e racional, mas também uma (re)construção mental e, portanto, uma representação espacial. De acordo com Kozel (2002, p. 217):

Constituem-se em criações individuais ou sociais de esquemas mentais estabelecidos a partir da realidade espacial inerente a uma situação ideológica, abrangendo um campo que vai além da leitura aparente do espaço realizada pela observação, descrição e localização das paisagens e fluxos, classificados e hierarquizados.

As evidências não palpáveis que se fixam no inconsciente coletivo representam os símbolos produzidos e construídos socialmente os quais, por sua vez, denotam a idéia representativa de uma realidade. As imagens mentais podem se tornar símbolo, quando se tornam familiar dentro de uma sociedade a ponto de ultrapassar seu sentido geral e imediato (Eliade, 2001).

Destacamos a ideia de que as imagens mentais podem adquirir um significado simbólico quando são amplamente reconhecidas e compartilhadas dentro de uma sociedade. Quando uma imagem mental se torna tão familiar e arraigada na cultura de um grupo que transcende seu significado literal ou imediato, ela pode se tornar um símbolo poderoso, capaz de evocar emoções, ideias e conceitos complexos.

Por exemplo, a cruz é um símbolo amplamente reconhecido no cristianismo, representando não apenas um objeto físico, mas também conceitos de sacrifício, redenção e fé. Da mesma forma, a bandeira de um país pode ser mais do que um pedaço de tecido colorido; pode representar a identidade nacional, os valores e a história de uma nação.

Essa capacidade das imagens mentais de se tornarem símbolos reflete a natureza da comunicação humana e da cultura, onde os símbolos são utilizados para transmitir significados complexos de forma concisa e universalmente compreensível.

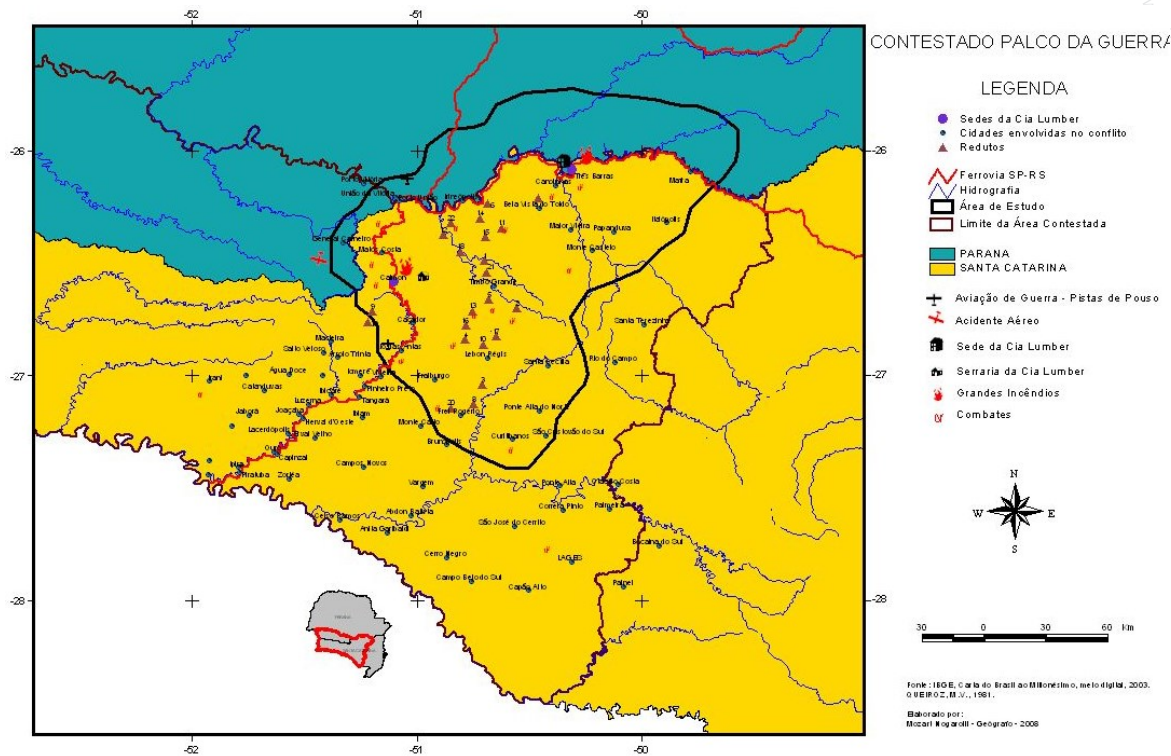
A análise das representações sociais, segundo Gil Filho (2001, p. 71), nos coloca diante da tarefa de entender e interpretar tanto o mundo cotidiano quanto as concepções que as pessoas têm desse mundo. Ela nos lembra que as representações sociais não são apenas sobre as ideias abstratas que as pessoas têm, mas também sobre como essas ideias se manifestam na vida cotidiana e na experiência espacial.

Ou seja, "decodificar o universo banal" referindo-se a desvendar os significados subjacentes ao cotidiano, ao que é comum e ordinário. Ou seja, "decodificar o universo banal" referindo-se a desvendar os significados subjacentes ao cotidiano, ao que é comum e ordinário. Isso implica em examinar as representações e os significados que as pessoas atribuem às coisas simples e rotineiras que as cercam.

Por outro lado, decodificar “o ser no espaço para o ser enquanto espaço” sugere uma mudança de perspectiva, onde não apenas consideramos o indivíduo como um elemento dentro de um espaço físico, mas também reconhecemos que o espaço em si tem significado e influência na construção da identidade e das relações sociais. No caso da Guerra do Contestado, não se trata apenas de considerar os indivíduos como participantes de um conflito situado em uma determinada região geográfica, mas de entender como o próprio espaço da guerra – as áreas de conflito, as zonas de refugiados e os locais de enfrentamento – influenciou e moldou as experiências e identidades dos envolvidos.

O espaço onde ocorreram as batalhas e as disputas de fronteira desempenhou um papel crucial na construção do senso de pertencimento e na formação das identidades dos diferentes grupos envolvidos, incluindo os sertanejos, os soldados e os colonos. A maneira como essas áreas foram percebidas e utilizadas durante o conflito não apenas refletiu as tensões e as rivalidades da época, mas também ajudou a definir e a consolidar as identidades regionais e os conflitos sociais que ainda reverberam hoje. Assim, ao analisar como o espaço da Guerra do Contestado (figura 1) moldou e foi moldado pelas experiências humanas, ganhamos uma compreensão mais profunda de como as condições espaciais influenciam e são influenciadas pelas dinâmicas sociais e identitárias.

Figura 1 - Palco da Guerra do Contestado



Fonte: Autor (2008)

Diante disso considera-se que os objetos geográficos desempenham um papel crucial na formação do imaginário coletivo e individual, pois estão intimamente ligados às experiências, percepções e valores das pessoas, moldando a forma como elas veem o mundo ao seu redor. Muitas vezes, destinos geográficos se tornam ícones do turismo e adquirem uma aura mítica ao serem retratados na mídia, na literatura e em outras formas de arte, criando imagens idealizadas que alimentam a percepção das pessoas sobre esses lugares.

O conceito de "imaginação geográfica" explora como as pessoas percebem e visualizam o mundo ao seu redor, influenciadas por suas experiências, desejos e culturas. Lugares distantes e exóticos, como selvas tropicais, desertos ou ilhas remotas, frequentemente fascinam e capturam a imaginação, tornando-se símbolos de aventura, mistério ou perigo. Essas representações não apenas refletem nossos anseios e medos, mas também moldam como entendemos e valorizamos esses lugares. A forma como esses locais são descritos e representados em diferentes mídias, como literatura, cinema e arte, contribui para criar imagens idealizadas que impactam a nossa percepção e atração por esses destinos.

Além disso, os locais geográficos são frequentemente o cenário para narrativas culturais, mitos e histórias que ajudam a formar e reforçar estereótipos e preconceitos. Essas representações culturais podem influenciar profundamente como as pessoas interpretam e se relacionam com esses lugares. Por exemplo, uma cidade pode ser vista como vibrante e cheia de oportunidades em uma

narrativa, enquanto em outra pode ser retratada como perigosa e caótica. Essas narrativas moldam a percepção pública e podem afetar a maneira como os indivíduos e grupos interagem com esses lugares.

Simultaneamente, locais que estão associados a eventos históricos significativos frequentemente se transformam em espaços de memória coletiva. Esses lugares assumem um significado simbólico e emocional especial, pois servem como pontos de conexão entre o presente e o passado. Por exemplo, monumentos, cemitérios e outros locais históricos se tornam centros de lembrança e homenagem, onde as pessoas se reúnem para refletir sobre eventos passados e honrar aqueles que estiveram envolvidos. Esses espaços de memória ajudam a preservar a história e a identidade cultural, mantendo viva a conexão entre as gerações atuais e os eventos históricos que moldaram a sociedade.

Portanto, tanto a imaginação geográfica quanto a memória histórica desempenham papéis cruciais na maneira como compreendemos e atribuímos significado aos lugares. A forma como imaginamos e interpretamos o espaço ao nosso redor é profundamente influenciada por nossas experiências culturais e históricas, criando um tecido complexo de significado que molda nossa percepção e interação com o mundo.

E segundo Bailly (1990, p. 158), é no cotidiano que damos sentido aos lugares e estabelecemos laços afetivos, onde todas as relações se entrelaçam numa trama de conexões que transmitem nossos sentimentos pessoais, memórias coletivas e símbolos. Não pode haver apenas uma visão única de um lugar; é preciso que uma emoção, uma lembrança ou uma experiência para que o espaço se transforme em lugar.

Quando mencionamos, por exemplo, o "Contestado", estamos nos referindo a uma realidade carregada de simbolismos que pertence a uma região específica dos estados do Paraná e Santa Catarina. O termo "Contestado" evoca uma série de imagens e significados, como a guerra, os crematórios (Fraga, 2023), os monges, e as disputas de limites entre Paraná e Santa Catarina. Esses elementos vão além dos fatos históricos e formam uma rede complexa de significados que variam conforme as experiências e percepções individuais. Assim, o "Contestado" é interpretado de maneiras diferentes por cada pessoa, com base em suas memórias, emoções e contextos culturais.

Para os caboclos, o "Contestado" simbolizava a conexão entre o homem e sua terra, que era vista como a fonte da vida, o local de onde eles obtinham seu sustento e onde construíam seus lares para descansar. Essa imagem também foi moldada pela religião popular como uma terra abençoada, pois foi nesse lugar que o monge divulgou sua "doutrina", oferecendo bênçãos e consolo espiritual aos caboclos necessitados. Assim, no imaginário, existe uma "geograficidade" (Dardel, 2020) refletindo a relação concreta entre o homem e a terra.

O geográfico e o sagrado

Na Geografia existe uma preocupação em entender a religião como parte integrante da cultura e como um fenômeno geográfico. Isso significa que os geógrafos estão interessados na distribuição espacial das religiões, nas formas como elas se manifestam na paisagem e como são influenciadas pelo ambiente físico e humano.

A religião é vista como um produto da prática humana, refletindo crenças, valores e tradições de determinado grupo social. Como tal, ela se expressa na cultura religiosa, que inclui rituais, símbolos, espaços sagrados e outras manifestações tangíveis e intangíveis.

Além disso, a religião também é considerada um campo de motivações que se materializam na paisagem. Isso significa que as práticas religiosas podem influenciar a organização do espaço, a construção de templos e lugares de culto, bem como a distribuição de pessoas e atividades econômicas.

Portanto, a abordagem geográfica da religião busca compreender como as diferentes religiões se distribuem pelo mundo, como influenciam e são influenciadas pelo ambiente geográfico e como contribuem para a diversidade cultural e social dos lugares.

Na abordagem geográfica, a paisagem não é vista apenas como algo estático ou cristalizado, mas sim como um conjunto dinâmico de elementos que estão em constante interação e transformação. A paisagem é percebida como o resultado das interações entre os elementos naturais e humanos, bem como das práticas culturais e sociais que ocorrem em determinado espaço.

Nesse sentido, as imagens do espaço são construídas através das interações e das representações que as pessoas atribuem a esses espaços. As representações da paisagem refletem não apenas as características físicas do ambiente, mas também as percepções, valores, crenças e experiências das pessoas que habitam ou utilizam esse espaço.

Assim, as representações da paisagem podem variar de acordo com diferentes perspectivas culturais, históricas, sociais e individuais. Elas não são apenas reflexos objetivos da realidade, mas sim construções sociais e simbólicas que refletem as visões de mundo e as relações de poder presentes em uma determinada sociedade.

Na Geografia, compreender as representações da paisagem e as imagens do espaço é fundamental para entender como as pessoas percebem, valorizam e interagem com o ambiente ao seu redor, e como essas percepções influenciam as práticas e as relações sociais em diferentes contextos geográficos.

Isso podemos verificar junto à gruta dedicada aos monges do Contestado em Porto União – SC (figura 2). Basta observar as imagens encontradas junto ao pocinho, na imagem a seguir, onde são colocadas representações de diversas religiosidades e crenças, construindo uma paisagem diversa de acordo com a observação de cada pessoa.

Figura 2 - Gruta e pocinho dedicados aos monges do Contestado em Porto União



Fonte: Autor (2007)

O espaço sagrado é fundamental para a experiência religiosa, pois é nele que as pessoas encontram um sentido de transcendência e conexão com o divino ou com o sagrado. Esses espaços são considerados especiais e distintos do espaço secular, muitas vezes marcados por rituais, símbolos e práticas que evocam o sagrado.

A dinâmica do espaço sagrado reflete a importância da experiência religiosa cotidiana, pois é nesses locais que as pessoas vivenciam e reforçam suas crenças, valores e identidades religiosas. Além disso, o espaço sagrado também serve como referência e centro de coesão para as comunidades religiosas, moldando suas interações sociais e suas relações com o mundo ao seu redor.

Um aspecto significativo das representações sociais da religião é a busca pela superação da morte e pela continuidade da existência além da vida terrena. Essa aspiração é frequentemente expressa e simbolizada nos espaços sagrados, através de crenças na vida após a morte, rituais funerários e construções arquitetônicas que buscam transmitir uma sensação de eternidade e transcendência.

A espacialidade do sagrado desempenha um papel fundamental na experiência religiosa e na representação social da religião, refletindo e reforçando as crenças, valores e aspirações das comunidades religiosas em relação ao divino, ao transcendente e à vida além da morte (Gil Filho, 2002, p. 262).

A busca pela gruta e pela “benção” do monge é um alento que visa superar ou amenizar os conflitos mundanos, sejam eles uma doença ou a própria morte. E tradicionalmente, a Geografia do Sagrado estava mais preocupada com a identificação e análise de locais considerados sagrados devido a características naturais ou eventos religiosos específicos.

No entanto, uma abordagem mais contemporânea reconhece que a sacralidade não é inerente a um local específico, mas é construída e mantida através das interações humanas e das práticas culturais ao longo do tempo. Isso significa que a geografia do sagrado está mais preocupada com as redes de significado e as relações sociais que envolvem lugares considerados sagrados.

Essa perspectiva enfatiza que a sacralidade é fluida e pode se manifestar de diferentes maneiras em diferentes contextos culturais e sociais. Portanto, entender a geografia do sagrado requer uma análise mais profunda das relações e experiências humanas em torno do sagrado, em vez de simplesmente identificar espaços sagrados como entidades fixas e imutáveis.

A identidade religiosa, quando considerada como uma representação social, pode ser uma importante categoria de análise na geografia, especialmente nas áreas de geografia cultural e humana. Examinar a identidade religiosa sob essa perspectiva permite explorar diversos aspectos, como a maneira como os locais e símbolos religiosos moldam a paisagem cultural e afetam a identidade das comunidades locais. Também se pode investigar como os espaços geográficos são utilizados para práticas e rituais religiosos e de que forma essas práticas contribuem para a construção e manutenção das identidades religiosas.

Além disso, a migração e a diáspora religiosa podem ser analisadas para entender como a mudança de local impacta as identidades e as comunidades religiosas, bem como a forma como essas comunidades preservam suas identidades em novos contextos geográficos. A análise também pode abordar como as identidades religiosas influenciam as relações entre grupos étnicos e culturais em contextos específicos e como os espaços geográficos podem servir de cenário para tensões ou para a convivência pacífica entre diferentes grupos religiosos.

Por fim, o turismo religioso é outro aspecto relevante, envolvendo o estudo de como locais sagrados e eventos religiosos atraem turistas e como isso afeta a percepção e a representação desses espaços. Esses temas oferecem uma ampla gama de possibilidades para investigação dentro do campo da geografia religiosa, iluminando a complexidade das interações entre religião e espaço.

Adotando uma abordagem geográfica para analisar a identidade religiosa como uma representação social, a geografia examina como as características físicas e sociais do ambiente construído e natural interagem com as crenças, práticas e identidades religiosas das pessoas, contribuindo assim para uma compreensão mais ampla das interseções entre religião, espaço e sociedade.

A teoria das representações sociais tem em seu bojo o trabalho de Moscovici (2003) no âmbito da psicologia social e, ao remeter a inspiração da teoria das representações sociais ao trabalho de Durkheim, verifica-se que em muito o conceito de representação coletiva fez parte intrínseca de uma teoria da religião, ou uma teoria do fato religioso, segundo Gil Filho (1999, p. 92).

Em seu trabalho fundamental, *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, Durkheim (1989) argumenta que as representações religiosas são expressões da consciência coletiva que articulam realidades compartilhadas. Assim, ele descreve a religião como um fenômeno essencialmente social. Durkheim considera a religião como uma entidade concreta, impregnada de materialidade social, e busca fundamentar o conceito de representação coletiva como central para a compreensão dos fenômenos religiosos, tratando-os como frutos da cognição coletiva. Para ele, as representações coletivas funcionam como ferramentas através das quais os grupos sociais definem suas interações com as forças que moldam suas vidas.

Justamente, é essa ponte ontológica entre as representações sociais e uma teoria da religião que tomamos por base para esta reflexão.

Se as representações religiosas são representações coletivas, pode-se dizer que o fato religioso é a dimensão conceitual que nos permite identificar a concretude das representações, assim como nos permite conferir-lhe uma objetividade.

A teoria das representações sociais confere uma racionalidade às crenças coletivas, como a ideologia, o senso comum, os saberes populares, a ciência e a própria religião. Significativamente é o fato de os homens se tornarem racionais a partir da sua condição de ser social que nos permite admitir o caráter fundamental social do fato.

Porém, segundo Gil Filho (1999, p. 93), há um problema teórico nessa discussão que podemos precisar em dois pontos principais:

Se o fato religioso é sobremaneira de caráter social, correríamos o risco de admitirmos a não existência de processos individuais no que concerne à própria natureza da religião; por outro lado, o plano da experiência íntima do transcendente e suas repercussões na dinâmica do fato religioso nos escapa. É fora de si que a análise é possível, ou seja, na medida em que se torna coletivo.

A religião é uma experiência profundamente pessoal para muitos indivíduos, envolvendo questões de fé, espiritualidade e busca de significado pessoal. No entanto, ao mesmo tempo, a religião também é inegavelmente uma força social que molda e é moldada pelas estruturas sociais, culturais e políticas mais amplas.

Quando consideramos a religião como um fenômeno social, estamos reconhecendo sua dimensão coletiva e as maneiras pelas quais ela se manifesta em instituições, práticas rituais, crenças compartilhadas e identidades de grupo. Isso nos permite analisar como a religião influencia e é influenciada pela sociedade em que está inserida, incluindo questões de poder, hierarquia, identidade cultural e conflito.

No entanto há uma dimensão íntima e pessoal da experiência religiosa que pode escapar de uma análise estritamente social. As experiências individuais de conexão com o transcendente, devoção pessoal e busca espiritual muitas vezes não podem ser plenamente capturadas por abordagens puramente sociológicas ou geográficas.

Assim, uma abordagem completa da religião deve levar em conta tanto sua dimensão social quanto sua dimensão pessoal. Isso pode envolver uma análise multidisciplinar que integre insights da sociologia, geografia, psicologia, antropologia, filosofia e teologia, entre outras disciplinas. Ao fazer isso, podemos ter uma compreensão mais rica e holística da complexidade da religião como um fenômeno humano.

Retomando Moscovici (2003), na dimensão da experiência individual, todos os comportamentos e todas as percepções são entendidas como resultantes de processos íntimos. Na dimensão das relações entre as pessoas, tudo é explicado em função de interações, de estruturas, de trocas e de poder. Ele comenta que se tendemos a incorporar o segundo no primeiro, reduzimos o social às relações interpessoais ou mesmo intersubjetivas. Se, por outro lado, invertermos, negamos a especificidade do papel do indivíduo.

Sendo assim, as representações sociais são como uma forma determinada de conhecimento. Conhecimento este projetado no cotidiano e nos processos que o envolvem. Trata-se de uma forma de pensamento social de caráter prático em que se reconhecem modalidades de pensamento voltados à comunicação, à compreensão e ao domínio do ambiente social, material e ideal (Jodelet, 2001).

A partir desse ponto de vista, podemos considerar que a dinâmica relacional dos processos de representações estão atados aos contextos pelos quais aparecem e pelos quais mantêm a interação como o mundo.

Das representações coletivas de Durkheim às representações sociais de Moscovici, podemos articular um conceito social de religião que reconhece a importância das representações coletivas na construção e na manutenção das práticas religiosas e das identidades religiosas. Essa abordagem nos capacita a entender as múltiplas configurações do mundo social, reconhecendo a diversidade de experiências religiosas e as maneiras pelas quais diferentes grupos sociais constroem e interpretam o sagrado. Ao fazê-lo, podemos realizar análises mais operacionais e contextualizadas do fenômeno religioso em suas diversas manifestações culturais e sociais.

Uma abordagem geográfica útil para compreender como o fenômeno religioso é influenciado pelo ambiente físico e, ao mesmo tempo, como ele molda a organização e a estrutura do espaço é a Geografia Cultural ou a Geografia da Religião. Examinar aspectos como a distribuição de locais sagrados, as rotas de peregrinação, os padrões de assentamento e as interações entre diferentes grupos religiosos dentro de um contexto geográfico específico pode oferecer insights profundos e valiosos sobre essas dinâmicas.

O sagrado geografizado no Contestado

A conexão entre o Sagrado e a Geografia pode ser examinada de diversas formas, especialmente ao considerar como os indivíduos atribuem significado a lugares específicos e como a geografia influencia práticas religiosas e espirituais. Tomando a Guerra do Contestado como exemplo, podemos observar como a geografia de determinados locais moldou e foi moldada por aspectos religiosos.

Durante a Guerra do Contestado, vários locais assumiram um caráter sagrado para as comunidades envolvidas. As áreas de conflito e os pontos de resistência tornaram-se símbolos carregados de significado espiritual e cultural. Por exemplo, certos lugares nas florestas e nas serras da região foram vistos como espaços de resistência e espiritualidade pelos sertanejos, que acreditavam que esses locais tinham uma conexão direta com o divino e a proteção espiritual.

As peregrinações e jornadas espirituais também desempenharam um papel significativo na guerra. Os sertanejos frequentemente se dirigiam a locais específicos para se unir em preces ou rituais, buscando proteção e orientação espiritual em um contexto de grande instabilidade. Essas peregrinações a locais sagrados dentro da geografia da guerra influenciaram profundamente a experiência espiritual e a coesão dos grupos religiosos.

Além disso, a cosmologia e a paisagem da região eram integradas nas crenças dos envolvidos. Montanhas e vales específicos eram vistos como locais de interseção entre o divino e o terreno, refletindo a maneira como as comunidades compreendiam a relação entre o mundo espiritual e o mundo físico.

Os ciclos naturais e os rituais também estavam ligados à geografia da região. A forma como os sertanejos realizavam seus rituais muitas vezes estava associada aos ciclos naturais da floresta e das estações, moldando suas práticas e interpretações do Sagrado conforme as características geográficas do entorno.

A distribuição geográfica das diferentes comunidades religiosas e suas práticas espirituais influenciaram a paisagem cultural da região. As interações entre os grupos religiosos e a forma como suas práticas se entrelaçaram com a geografia local ajudaram a moldar a dinâmica social durante o conflito.

A geografia teve um impacto duradouro na história e na identidade cultural da região. Os eventos da Guerra do Contestado e os locais sagrados associados a ela deixaram uma marca significativa na forma como a identidade cultural e religiosa das comunidades se desenvolveu ao longo do tempo.

Dessa forma, a relação entre o Sagrado e a Geografia revela a complexidade e a profundidade com que crenças espirituais e práticas religiosas são incorporadas e influenciadas pelo ambiente físico e cultural.

A discussão sobre o sagrado se aprofunda ainda mais quando consideramos a proposta de Gil Filho (2002), que sugere uma abordagem centrada na desconstrução das teses de Rudolf Otto e Mircea Eliade, integrando uma análise estrutural do cotidiano do homem religioso. O conceito de sagrado, que tem sido amplamente debatido em relação à sua universalidade e essência dentro da fenomenologia religiosa e da crítica empirista alemã, continua a ser um tema central na Ciência da Religião desde a segunda metade do século XX.

A palavra "sagrado" possui diversas origens etimológicas, sendo derivada do verbo latino *sacer*, que se refere ao que é intocável, querido pelos deuses, santo e venerável. Esse conceito abrange a ideia de *sanctus*, que denota aquilo que é tornado sagrado, inviolável, respeitável, virtuoso e poderoso. No entanto, o sagrado também pode assumir significados opostos, como maldito, execrável, detestável e abominável. Assim, o homem, ao experimentar e vivenciar a essência desses múltiplos significados, reage de forma aparentemente contraditória, com manifestações que podem variar entre respeito e aversão, desejo e espanto, amor e ódio (Marchi, 2005).

Essa dualidade na percepção do sagrado é evidente na forma como os elementos religiosos interagem com a geografia e a cultura. Na Guerra do Contestado, por exemplo, a região não era apenas um cenário de conflito, mas também um espaço carregado de significados sagrados para os

sertanejos. As áreas de resistência, as rotas de peregrinação e os locais de culto eram vistos como sagrados e dotados de um profundo significado espiritual, refletindo a complexidade da experiência religiosa e a influência da geografia sobre as práticas e crenças.

A integração do conceito de sagrado com a análise geográfica permite entender melhor como os locais são imbuídos de significado e como essas percepções moldam a identidade e as práticas religiosas. O estudo da relação entre o sagrado e a geografia revela como as crenças espirituais se manifestam no espaço físico e como o espaço influencia a experiência religiosa, demonstrando a profunda interconexão entre o ambiente, a cultura e a espiritualidade.

Os gregos utilizavam o conceito de *hieros* para significar algo que era sagrado e que se referia ao divino, algo que era dotado de força e de luz. Em oposição ao *hieros*, usavam o conceito de *hagios*, que continha a ideia de maldito. A religião judaica introduziu a contraposição entre sagrado e profano. Essa contraposição foi incorporada pelo cristianismo acrescentando-lhe a ideia de santidade de Deus e a de pecado.

Dessa forma, temos o sagrado, para Otto (1992, p. 13), como uma categoria de interpretação e avaliação *a priori*, e como tal, somente podemos remetê-la ao contexto religioso. O sagrado é ato fundante. Recorte demiúrgico no caos. Instauração de cosmo e natureza. É através dele que o homem socialmente definido e singularizado se impõe ao não-humano. O sagrado é a práxis radical que instaura o ser do homem e do universo. Antes há somente algo sem antítese, criado por determinada historicidade, mas sem possibilidade de apreensão, depois o humano (Gil Filho, 2002).

O Sagrado é a descoberta inicial do centro (ou desse homem, mesmo sem o saber, como centro), onde se funda ontologicamente o mundo, onde o homem sente-se igual a si mesmo, diferente do informe, do estranho, ponto fixo onde o humano descansa, cria e trabalha.

A definição de sagrado proposta por Otto permite captar uma característica essencial do fenômeno religioso e torna esse conceito aplicável. Nesse sentido, o sagrado engloba aspectos que podem ser compreendidos conceitualmente, através de seus atributos definidos, bem como aspectos não racionais, que transcendem a compreensão lógica e são percebidos apenas como um sentimento religioso. A dimensão não racional é aquela que desafia a análise conceitual devido à sua natureza essencialmente sintética, sendo reconhecida apenas como uma característica sentida. Essa distinção é crucial para entender a diferença entre racionalismo e religião (Gil Filho, 2002).

A consciência nasce como antítese entre o íntimo, que é o sagrado, e o inorgânico, o instintivo, o desarticulado, exterioridade ainda incompreensível e ainda não consciente de ser uma exteriorização do interior da comunidade: uma interiorização das práticas vivas nessa exterioridade. O sagrado é a antítese entre o caos, o animal e o mineral, ao mesmo tempo que os cria como

oposição e base do humano: o próprio caos é pressuposto do sagrado, da presença humana e sua comunidade e jamais poderia ser entendido fora de uma historicidade que lhe dê sentido e função.

Enquanto Rudolf Otto explorou o conceito do numinoso como a essência não racional do sagrado em toda a sua profundidade, Mircea Eliade abordou-o de forma abrangente. Eliade propõe que a principal característica do sagrado é sua oposição ao profano (Eliade, 2001). Ele argumenta que a percepção do sagrado ocorre quando este se manifesta de maneira distinta do profano, através de hierofanias — momentos em que o sagrado se revela. Para Eliade, o sagrado vai além de uma simples categoria religiosa; ele é um princípio filosófico fundamental para entender a posição da humanidade no mundo.

Assim, Eliade vê o sagrado como a expressão da relação essencial entre a consciência humana e o ambiente que a cerca. O conceito de sacralidade, portanto, está ligado à própria consciência em um domínio que a transcende, sendo a experiência da realidade percebida quando a humanidade reconhece sua existência no mundo (Marchi, 2005).

A característica própria do pensamento tradicional diante do fenômeno religioso é de reconhecer aquilo que, por um momento, não obedece às leis da natureza. Essa intervenção no andamento natural das coisas feita pelo Transcendente, que é o autor dessas leis, apresenta-se como uma tese apriorística. Ou seja, resta saber se a própria ortodoxia não foi responsável por velar o elemento não racional da religião ao enfatizar em demasia o estudo de aspectos doutrinários e rituais e menosprezar os aspectos mais espirituais e essenciais da experiência religiosa. Otto concorda com essa assertiva. O contexto cultural religioso do seu trabalho justifica essa premissa. Tornando a idéia de Deus como racional, a ortodoxia aponta para estudos da experiência religiosa enquanto representação humana, e como tal toma a religião em seu aspecto racional (Gil Filho, 2002).

No estudo conduzido por Tuan (1980, p. 44), é destacado que o sagrado é aquilo que se distingue do ordinário e da rotina diária. No entanto, nem todos os espaços que são afastados do cotidiano são considerados sagrados, e nem toda interrupção na rotina pode ser classificada como uma hierofania. O conceito de sagrado implica separação e definição, sugerindo uma sensação de ordem, totalidade e poder. O sagrado é essencialmente um conceito religioso que se manifesta em espaços considerados qualitativamente distintos. Para o indivíduo religioso, o sagrado pode estar presente em objetos, pessoas ou diversos lugares. A natureza, para ele, não é simplesmente natural, mas carrega um valor sagrado intrínseco.

A crença na existência de espaços sagrados e na possibilidade de um mundo sem imperfeições oferece ao homem a capacidade de enfrentar as adversidades da vida. Ele não apenas suporta as dificuldades, mas também é levado a imaginar realidades mais profundas e autênticas do que aquelas percebidas pelos sentidos. A consagração do espaço surge da necessidade de viver e se

mover em um mundo sagrado. Para o homem religioso, o ato de erigir uma nova igreja, por exemplo, simboliza um crescimento e uma consolidação do grupo religioso. Mesmo com a crença na onipresença de Deus, há uma hierarquização dos espaços sagrados, evidente em tradições como o budismo, o islamismo e o catolicismo. Essa hierarquização é especialmente pronunciada nos espaços de peregrinação, onde a diferença entre os níveis de sacralidade é mais evidente.

E essa diferenciação se percebe pela própria organização do santuário, conforme Claval (1992, p. 100):

A presença do santuário significa uma modificação sensível na percepção do espaço, dando fim, inicialmente, a um estado de relativa indeterminação. Este espaço é doravante organizado, repartido e a fronteira entre o sagrado e o profano é nitidamente traçada.

Há santuários de maior atração que outros. Jerusalém é reconhecida como espaço sagrado que atrai adeptos de mais de um credo religioso; Roma abriga a capital administrativa do Catolicismo, enquanto Meca é o mais famoso centro do Islamismo. São espaços sagrados vivenciados por maior número de devotos.

Em seguida vêm centros de peregrinação da importância de Lourdes, na França; de Fátima, em Portugal; Assis, na Itália; Saint' Anne du Beaupré, no Canadá; Nossa Senhora Aparecida, no Brasil; entre outras centenas de santuários espalhados pelo interior do Brasil e outros países. Ressalva-se que qualquer que seja a localização do espaço sagrado, a população, atraída em busca de satisfação espiritual e material, apresenta características singulares e repetitivas em seu comportamento.

Pode-se observar isso na gruta de Porto União (figura 3), onde muitos peregrinos visitam e fazem suas orações diariamente, buscando alento e consolo na pessoa e na imagem do monge e também buscam trazer seus filhos para batizar nas águas do pocinho por onde o monge estabeleceu parada e também utilizava para benzimentos e curas através de seus remédios naturais.

Figura 3 - Monumento dedicado aos monges do contestado na entrada da gruta de Porto União



Fonte: Autor (2007)

Independentemente das crenças religiosas individuais, todos os seres humanos compartilham uma religiosidade fundamental e inerente à sua natureza. A partir dessa premissa, é possível investigar o espaço através da análise do sagrado, explorando como este conceito se conecta com a paisagem e a linguagem utilizada pelos devotos em sua experiência espacial. Claval (1992, p.126), a esse respeito, afirma:

A ontologia espacial que a fenomenologia religiosa nos ajuda a entender fornece a chave para a Geografia do sagrado, sua permanência ou transitividade, o calendário que a define e os rituais que permitem reconectar com a pureza das origens, ou com qualquer outro momento privilegiado onde o ser não enfrentava as limitações atuais.

O sagrado envolve a experiência de uma potência ou força sobrenatural que pode residir em qualquer entidade, seja uma planta, um animal, um ser humano, vento, água ou fogo. A sacralidade cria uma distinção entre o natural e o sobrenatural, mesmo quando os seres sagrados têm uma origem natural. É a força sobrenatural que realiza o que os humanos consideram impossível apenas com suas capacidades e recursos.

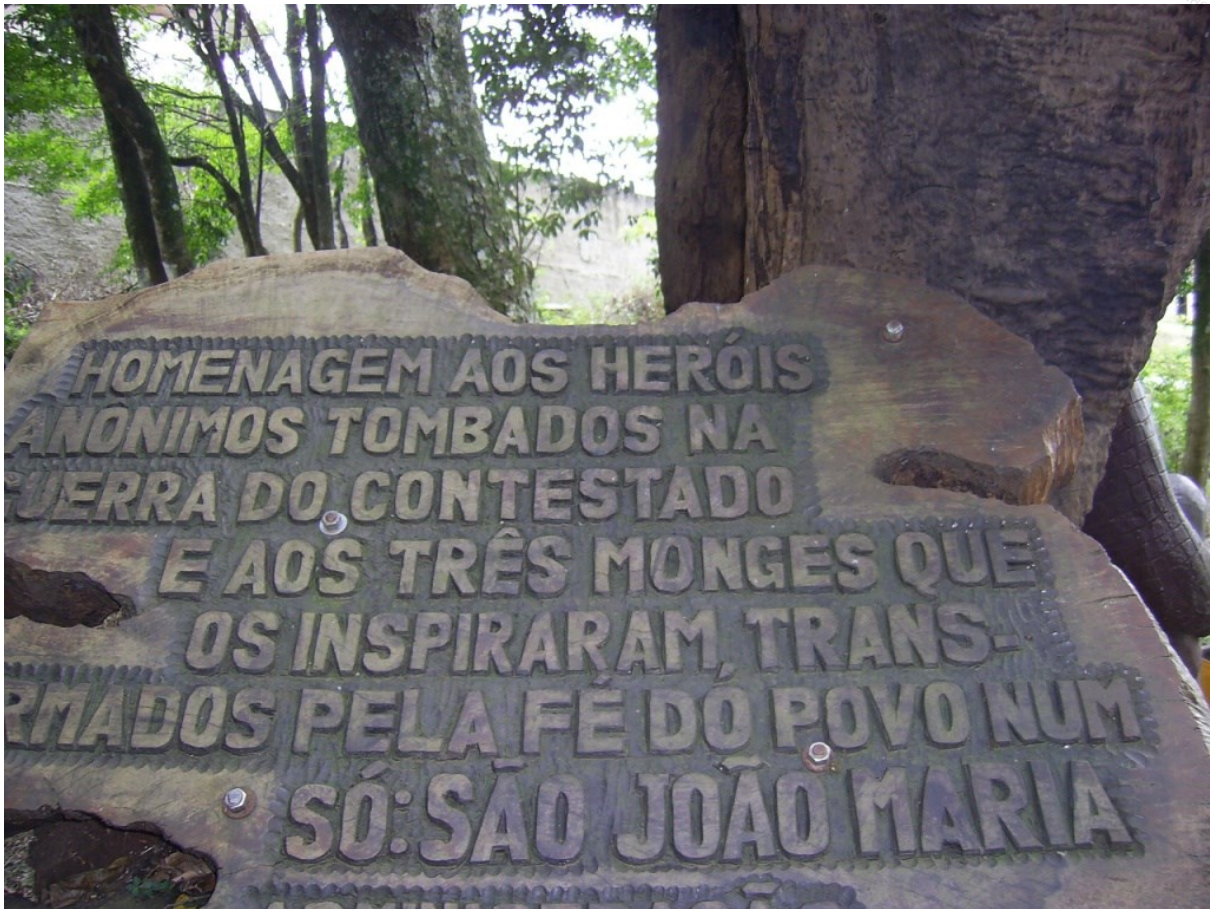
No cenário do Contestado, a presença do sagrado está profundamente entrelaçada com a paisagem e a experiência religiosa local. As grutas, frequentemente associadas aos monges ou ao Monge São João Maria, são exemplos emblemáticos dessa conexão entre o sagrado e o espaço. Esses locais não são meramente pontos geográficos, mas espaços impregnados de significado espiritual e cultural.

As grutas do Contestado, como a de Porto União, SC, ilustram como o sagrado pode se manifestar em locais específicos e como esses lugares se tornam centros de devoção e simbolismo. A presença de placas comemorativas e tributos, como a placa na entrada da gruta, destaca a importância dessas grutas como espaços de reverência e memória. Essas grutas são vistas não apenas como formações naturais, mas como pontos de contato com o divino, onde a experiência religiosa se entrelaça com a geografia.

A sacralidade desses locais pode ser entendida através da fenomenologia religiosa, que revela como a presença do sagrado transforma a percepção dos lugares e a forma como eles são utilizados pelos devotos. Segundo Claval, a análise da Geografia do sagrado nos permite compreender a permanência e transitividade desses espaços, além de como os rituais e o calendário sagrado associados a eles ajudam a manter a conexão com a pureza das origens e momentos privilegiados.

No Contestado, a identificação de locais específicos como sagrados não é apenas uma questão de tradições religiosas (figura 4), mas também uma maneira de reconfigurar o espaço e a experiência dos indivíduos. A sacralidade das grutas se manifesta na transformação do espaço natural em um local de culto e de significado profundo, refletindo a crença de que essas formações não são apenas naturais, mas carregadas de uma força sobrenatural que transcende as capacidades humanas normais.

Figura 4 - Placa dedicatória



Fonte: Autor (2007)

Assim, a presença do sagrado no Contestado e nas grutas dedicadas aos monges exemplifica como a geografia e a religiosidade estão entrelaçadas. Esses espaços não são apenas locais de peregrinação ou devoção, mas também componentes essenciais na construção da identidade religiosa e cultural da região. A sacralidade conferida a esses locais revela a forma como o espaço pode ser moldado e ressignificado através das práticas e crenças religiosas, mostrando a profunda influência do sagrado na formação e na experiência do espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das representações sociais no contexto do Contestado ilustra como as relações entre o sagrado e o geográfico se entrelaçam para formar uma narrativa rica e complexa que molda a memória e a cultura da região. A geografia do Contestado foi profundamente influenciada pela atribuição de significados sagrados a diversos elementos naturais, como morros, rios, nascentes, grutas e florestas. Esses locais se transformaram em símbolos de resistência e devoção, evidenciando como o espaço físico pode adquirir significados espirituais profundos.

Os rituais religiosos realizados e a construção de espaços de culto nos acampamentos dos caboclos demonstraram a importância do sagrado na vida cotidiana dos participantes. A prática religiosa não apenas reforçou a coesão social, mas também a sacralidade do território, onde a posse e a defesa do espaço estavam intimamente ligadas à identidade cultural e ao sentimento de pertencimento. Áreas específicas eram vistas como sagradas, locais de manifestações divinas e milagrosas, onde líderes religiosos se reuniam e fiéis buscavam proteção espiritual.

A liderança de figuras messiânicas, como José Maria, desempenhou um papel crucial na mobilização dos caboclos. Sua autoridade espiritual legitimou a resistência contra as forças opressoras e ofereceu uma narrativa de esperança e justiça divina. A densa mata atlântica e a geografia acidentada da região forneceram vantagens estratégicas aos combatentes, permitindo a formação de redutos de resistência que eram difíceis de acessar pelas tropas governamentais.

Para os participantes do Contestado, a terra não era apenas um recurso econômico, mas um elemento carregado de simbolismo sagrado. A luta pela terra era vista como uma batalha justa e divina, com o território percebido como um presente de Deus a ser defendido. A escolha dos locais de resistência estava frequentemente vinculada a crenças religiosas, e os redutos eram estabelecidos em lugares considerados protegidos por forças divinas, conferindo um sentido estratégico e espiritual à resistência. As histórias e mitos associados ao Contestado integravam elementos geográficos e sagrados, criando uma narrativa coletiva que reforçava a identidade e a união do povo.

A valorização dos sítios históricos e das narrativas orais é crucial para a preservação da identidade cultural da região. A memória do Contestado serve como um recurso importante na luta por direitos territoriais e sociais. A relação entre o sagrado e o geográfico no Contestado exemplifica como o espaço físico pode ser transformado por significados espirituais e como a religião pode atuar como uma ferramenta de resistência e mobilização. A geografia do Contestado foi marcada tanto física quanto simbolicamente pelo conflito, com lugares de batalha, culto e moradia tornando-se marcos históricos e sagrados.

As representações sociais do sagrado e do geográfico no Contestado revelam uma interrelação complexa entre fé, identidade e território. A resistência dos sertanejos não foi apenas uma luta econômica e política, mas também uma expressão profunda de suas crenças religiosas e seu vínculo com a terra. Essa interseção entre o sagrado e o geográfico conferiu uma força moral e espiritual à resistência, moldando a identidade coletiva dos envolvidos e deixando um legado duradouro na história da região.

REFERÊNCIAS

BAILLY, A. **Les représentations de la distance et de l'espace: mythes et constructions mentales**. Revue d'économie régionale et urbaine, 1990.

CLAVAL, P. **Le theme de la religion dans les etudes geographiques**. Université de Paris-IV. Géographie et cultures, n. 2, 1992.

DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Perspectiva: São Paulo, 2020.

DURKHEIM, E. **As formas elementares de vida religiosa**. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FRAGA, N. C. **As carneiras da civilização caboclo-sertaneja no contestado: morrer e enterrar antes e durante a guerra - uma primeira leitura sobre a cultura fúnebre, crematórios e valas comuns**. Revista M. Rio de Janeiro, v8, n. 16, jul/dez 2023.

FRAGA, N. C. **Geografias de tempos de dominação e barbárie: os movimentos socioterritoriais e as escolhas geográficas que negligenciam a formação territorial do Brasil**. In: A Dimensão política no espaço: conflitos e desigualdades territoriais na sociedade contemporânea. Organizadores: Flamarion Dutra Alves [et al.]. Alfenas, MG: Editora Universidade Federal de Alfenas, 2019, p. 84-114.

FRAGA, N. C. (org.). **Contestado, redes no geográfico**. Florianópolis, Ed. Insular, 2017.

FRAGA, N. C.; SILVEIRA, H. M. Paisagens desveladas e (re)criadas pelas artes: o território identitário do Contestado. **Geographia Opportuno Tempore**. UEL, v. 1, p. 554-571, 2014.

FRAGA, N. C. (org.). **Contestado, o território silenciado**. Florianópolis, Ed. Insular, 2009.

FRAGA, N. C. (org.). **Guerra do Contestado, 100 anos do Contestado em Guerra**. Florianópolis, Ed. Insular, 2012.

FRAGA, N. C. **Contestado: A Grande Guerra Civil Brasileira**. In: REZENDE, C. J.; TRICHES, I. Paraná, Espaço e Memória – diversos olhares histórico-geográficos. Curitiba: Ed. Bagozzi, 2005. p. 228-255.

FRAGA, N. C. **Mudanças e Permanências na Rede Viária do Contestado: uma abordagem acerca da Formação Territorial no Sul do Brasil**. Curitiba, PR: Universidade Federal do Paraná (Tese de Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento), 2006.

FRAGA, N. C. **Território e silêncio**. Contributos reflexivos entre o empírico e o teórico. In: FRAGA, N. C. (org.). **Territórios e Fronteiras: (Re) Arranjos e Perspectivas**. Florianópolis: Insular, 2011.

FRAGA, N. C. **Vale da Morte: o Contestado visto e sentido. Entre a cruz de Santa Catarina e a espada do Paraná**. Blumenau: Ed. Hemisfério Sul, 2010.

FRAGA, N. C. O território do Contestado (SC-PR) e as redes geográficas temporais (the contested territory and the temporal geographical networks). **Mercator (Fortaleza. Online)**, v. 9, p. 37-45, 2010.

Representações sociais: interseções entre o geográfico e o sagrado a partir da Guerra do Contestado

Fabiano Feldhaus

GIL FILHO, S. F. Espaço de representação e territorialidade do sagrado: notas para uma teoria do fato religioso. **RA'EGA: o espaço geográfico em análise**. Curitiba, Departamento de Geografia / UFPR v. 3, n. 3, 1999.

GIL FILHO, S. F. Por uma Geografia do Sagrado. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (Org.). **Elementos de epistemologia da Geografia Contemporânea**. Curitiba: Editora UFPR, 2002.

GIL FILHO, S. F. Por uma Geografia do Sagrado. **RA' EGA: o espaço geográfico em análise**. Curitiba, Departamento de Geografia / UFPR, v. 5, n. 5, 2001.

GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.) **Textos em representações sociais**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

JODELET, D. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

KOZEL, S. As representações no geográfico. In: MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Saete. (Org.). **Elementos de epistemologia da Geografia Contemporânea**. Curitiba: Editora UFPR, 2002.

MARCHI, E. **O sagrado e a religiosidade: vivências e mutualidades**. História: questões e debates. v. 43, p. 33-53. Curitiba: UFPR, 2005.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

OTTO, R. **O sagrado**. Lisboa: Edições 70, 1992.

SÁ, C. P.. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SPINK, M. J. (org). **O conhecimento no cotidiano**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores de meio ambiente**. São Paulo: Difel/Difusão Editorial S/A, 1980.

Recebido em: agosto de 2020

Aceito e publicado em: dezembro de 2020

